

Envelhecimento: um processo multideterminado e multideterminante?

Por Arnaldo Risman*

As sociedades utilizam vários termos ou expressões que servem como significação para designar conhecimentos, conceitos e comportamentos, em relação a determinados tópicos culturais e sociais de um determinado grupo de indivíduos. Os conceitos e expressões sofrem mudanças ao longo do tempo nas sociedades, mesmo naquelas em que é utilizado um idioma comum na sua comunicação.

Essas mudanças estão ligadas a uma área de estudo dentro do campo da filosofia, que é a Semântica. Trata-se de uma esfera que trabalha o sentido ou com as representações simbólicas das palavras ou expressões dentro de um determinado contexto sócio-cultural, a qual desperta grande interesse das áreas sociais, tais como a Antropologia, a Psicologia e a Política, já que as palavras ou expressões utilizadas no dia-a-dia das pessoas condicionam seu processo de integração.

A utilização de termos na vida cotidiana de um grupo social, por vezes, vem carregada de conceitos e preconceitos, com valores de significação diferenciados, influenciando de forma profunda o comportamento dos mesmos.

Por esses motivos, nos países chamados de primeiro mundo, vem sendo feito um trabalho em relação aos termos utilizados para certas minorias, que vem crescendo nessas regiões, minorias estas classificadas como: sociais, étnicas, sexuais, etárias, etc.

Segundo Netto e Silva (1994), deve-se sempre utilizar os termos mais coerentes nas expressões cotidianas para designar situações, condições pessoais ou para referir-se a grupos minoritários, podendo, assim, fazer com que os conflitos e preconceitos possam ser atenuados ou até mesmo eliminados.

Já existem termos que são referentes a determinadas situações e que, de certa forma, estão sendo modificados, como por exemplo: “leproso” por “portador do mal de Hansen” ou “hanseníase”; “surdo” por “deficiente auditivo”; “louco” por “doente mental”; entre outros.

Na sociedade brasileira, outros fatos também ocorrem com relação à transformação semântica, entre eles, a expressão “vagabundo”, que significava mendigo que fica nas ruas e avenidas e que, atualmente, conceitua-se como “homem de rua ou sofredor de rua”. O termo “trombadinhas”, que são crianças e adolescentes que andam nas ruas, vagando muitas vezes sem destino, cujo rótulo passou a ser “meninos ou meninas de rua”.

Esses autores, ao trabalharem com a questão semântica, preferem utilizar o termo “politicamente correto”, isto seria uma forma de dar um novo tratamento às pessoas, situações ou condições, anteriormente prejudicadas na sua imagem e conceitos, no que se refere ao rótulo a que eram submetidos; rótulos esses que geralmente são colocados de forma negativa, formando ou criando um estereótipo socialmente compartilhado e que reflete distorções ou preconceitos, muitas vezes prejudicando a própria formação do “eu” do sujeito ou grupo em questão.

Relatam, ainda, que não é simplesmente a mudança de rótulo que irá modificar, por completo, os preconceitos e crenças que se possui de uma determinada coisa ou situação, mas poderá

* Psicólogo, Especialista em psicologia clínica, Pós Graduado em sexualidade humana (UGF), Mestre em sexologia (UGF), Professor e supervisor da Universidade Severino Sombra (USS), Membro do Centro de Pesquisa do Comportamento e Sexualidade (Cepcos/RJ), membro do comitê de ética e pesquisa da Universidade Severino Sombra (USS) e membro mentor do Portal do Envelhecimento PUC/SP. Contatos: risman@risman.psc.br.

de certa forma, “representar um primeiro passo para uma mudança a partir da remoção dos rótulos sociais que os desqualificam socialmente”. (Ibid:184)

As várias acepções do termo velhice, seus correlatos e preconceitos

Entre vários rótulos, conceitos e posições da sociedade referentes aos temas levantados, verifica-se que, atualmente, um dos que mais se ouve é em relação ao “velho” e à “velhice”. Conceitos esses muito relativos, dependendo, muitas vezes, da época, da cultura, da sociedade e da política vigentes.

O termo “velho”, enquanto adjetivo, pode ser utilizado para definir, a princípio, alguma coisa que não seja nova, como exemplo: um carro, uma roupa, um relógio, um apartamento, um sapato etc., exemplos estes caracterizados como algo desgastado, feio, sem uso, ou, até mesmo, fora de moda.

Em relação ao ser humano, o termo velho é substantivado e, na grande maioria das vezes, tenta definir algo de desgaste, incapacidade, diminuição, inutilidade, etc., isto é, muito parecido com situações de algo material, como se as pessoas fossem objetos sem utilidade.

Para Netto e Silva (1994), o velho é definido como uma pessoa que atinge uma idade considerada avançada dentro do contexto social em que vive; e velhice é um termo para caracterizar o estado ou condição que este indivíduo apresenta na situação de “ser velho”.

Nas décadas passadas, os conceitos de velho e velhice possuíam um caráter associado à decadência e à inutilidade, como se o fator biológico do envelhecimento acarretasse, automaticamente, a falência gradual das possibilidades de participações sociais daqueles que progrediam na escala etária.

Com esta visão, a velhice era tida como algo indesejável na vida do ser humano, sendo considerada uma fase marcada por perdas de toda ordem, fase esta diretamente associada à doença e à morte. Por esse motivo, a sociedade apresenta uma grande rejeição social ao velho, o que pode explicar o enorme temor que a velhice provoca na maioria das pessoas.

Como veremos mais adiante, vem ocorrendo um aumento demográfico do grupo na faixa etária de 60 anos ou mais, em todo o mundo, nas últimas décadas. Isso se deve ao desenvolvimento da Geriatria e da Gerontologia, as quais vêm conquistando avanços médicos que possibilitam uma sobrevivência maior ao ser humano. Com essa questão, a participação social dos “velhos” em atividades e setores da sociedade, onde anteriormente não eram aceitos, vem aumentando a cada ano.

Sendo assim, o vocábulo “velho” e “velhice” vêm sendo questionados no seu antigo significado semântico, tanto pelos pesquisadores quanto pelos próprios indivíduos que estão nessa fase da vida. Dessa forma, “velho” vem sendo substituído pela expressão “idoso”, e “velhice” por “maturidade” ou “Terceira Idade”, na esperança de que possam desestigmatizar as pessoas que chegam e ultrapassam a faixa etária de 60 anos ou mais.

Muitas vezes, segundo Simões (1994), considera-se o velho como um ser improdutivo e ultrapassado. Porém, em algumas situações, o termo pode ser utilizado como forma de intimidade, de camaradagem e afeto, como “meu velho”. Esta expressão também pode ser utilizada quando nos dirigimos a pessoas que não estejam na faixa etária avançada, isto é, relativo ao próprio jovem, eliminando, assim, a idéia e a visão de “coisa não mais usada”.

Já a expressão “idoso” tem uma conotação menos agressiva, segundo a autora, pois refere-se unicamente ao ser humano, sendo utilizado para pessoas que passaram e vivenciaram muitas fases em suas vidas, o que fica evidente pela própria significação de “idos”: tempo passado, percorrido. Sendo assim, imagina-se que o idoso seja um indivíduo que passou por várias etapas de experiências, de alegrias e de sofrimentos. Etapas em que o indivíduo precisou de ajuda, já que o ser humano necessita, em sua escala de “crescimento”, de apoio diferencial em cada uma delas, sem restrição.

O indivíduo, ao nascer, necessita de apoio para suprir suas vontades e necessidades básicas como: alimentação, vestuário, cuidados de higiene, habitação, afeto, carinho, entre outras. No seu desenvolvimento e com o passar do tempo, este mesmo ser irá precisar, além desse básico, de cuidados e de investimentos, ou seja, de educação e orientação para que possa, no “futuro”, possuir condições para crescer como pessoa, como profissional e, principalmente, para que tenha possibilidades de futuras relações afetivas.

Ao ultrapassar a fase infantil e da adolescência, o ser humano entra na fase adulta, na qual todo o seu aprendizado, anterior e atual, é utilizado para a conquista de seu espaço. Nesse momento, muitas vezes, existirá a necessidade de apoio de pessoas mais velhas, nas quais a experiência adquirida durante toda a sua vida é fundamental. Após esse período, o indivíduo tenta realizar-se como profissional e mantém relações afetivas, as quais culminam na união familiar e o ciclo vida irá retornar ao início, através de seus filhos.

Esse trajeto não pode ser simplesmente reduzido a uma identificação cronológica, uma identidade simplificada, baseada apenas em sua idade. A maturidade que o indivíduo adquire ao passar por todo esse ciclo de vida não pode ser desprezada, facilitando que as experiências sejam esquecidas. Mesmo que a sociedade sempre dê importância ao jovem, pela sua força física e mental, não pode esquecer que a experiência o ajudaria a encaminhar essa nova energia de forma mais direcionada. Porém, em um país capitalista, onde o que importa é a produção, a questão da maturidade pela experiência não é valorizada.

Essa questão do ciclo de vida faz lembrar um artigo de Salgado (1994), que descreve uma palestra no SESC de São Paulo, onde Cora Coralina, escritora e poetisa, já com seus 80 anos, ao ser perguntado sobre a sua idade, respondeu: “não me pergunte à idade, porque tenho todas as idades; eu tenho a idade da infância, da adolescência, da maturidade e da velhice”. (p.1)

Para ele, o envelhecimento confere ao ser humano esse poder maravilhoso de condensar, numa etapa da vida, a experiência de todas as idades. Esse exemplo é reforçado, de forma mais simplificada, com a definição de Comfort (1979), quando define a velhice como: “a vivência de um determinado número de anos: isto é tudo”. (p. 13)

Na verdade, “o velho” ou “o idoso” possui todas as idades e não só a idade cronológica que, de certa forma, centraliza, cristaliza e preconceitua o indivíduo como velho, acabado, sem possibilidades de trocas sociais, possuindo uma visão de “fim de túnel” e não conhecedor dos quilômetros que essa trajetória possui entre suas curvas e obstáculos.

Em relação à utilização dos termos ou expressões que caracterizam a idade avançada, foi realizada (Netto e Silva, 1994), na cidade de São Paulo, uma pesquisa sobre os diferentes significados e/ou expressões do vocábulo “velho” e “velhice”.

Foram entrevistados três grupos de indivíduos: 1- pessoas que atendiam idosos em programas de centros de saúde da cidade de São Paulo; 2 - pessoas interessadas no estudo da velhice e 3 - idosos atendidos nos programas existentes nos centros de saúde da cidade de São Paulo. Foram entrevistadas 349 pessoas, entre homens e mulheres. Em relação à idade, os sujeitos distribuíram-se entre 20 a 60 anos ou mais, com grau de instrução que variou do primeiro grau até o superior completo, sendo a maioria pertencente à classe média.

Segundo seus resultados, o “velho” não foi visto simplesmente como uma pessoa com idade avançada: 35% consideraram o velho como um indivíduo de comportamento conservador ou que pensa e/ou age de maneira conservadora e ultrapassada, independente de sua faixa etária; 30% entenderam que “velho” seriam pessoas com mais de 60 anos e 16% entendiam o vocábulo aplicável a qualquer pessoa implicante ou ranzinza, independente de sua idade cronológica.

Assim, embora 46% tenham achado que “velho” é uma condição negativa, transmitindo uma conotação pejorativa, este percentual considera que o termo não está ligado à idade, e sim ao modo de pensar e de se expressar. Indagados porque não aceitavam essa expressão, 30%

responderam que era “pejorativo-depreciativa”, enquanto que 29% consideravam que esse termo tem um sentido de “objeto ou coisa” e “não relacionado a pessoas”.

Dos entrevistados que não gostaram do termo “velho”, 38% acharam que “idoso” seria o termo mais adequado para referir-se aos indivíduos com mais de 60 anos, sendo o termo “Terceira Idade” o segundo mais votado com 19%, e, em terceiro lugar, com 10%, “pessoa de idade”.

É importante ressaltar que, entre as pessoas entrevistadas com 60 anos ou mais, 35% optaram por “pessoa de idade” e 30% preferiram o termo “Terceira Idade”. Quando foram indagados porque indicaram outros termos para substituir o vocábulo “velho”, 30% justificaram que o faziam porque “não envolvia discriminação ou preconceito”; 18% “porque era mais carinhoso”; 11% por ser “menos ofensivo”; e, finalmente, 11% “porque evitava constrangimento de parte a parte”.

Por outro lado, entre os que achavam que o termo não deveria ser mudado, 41% justificaram que o uso de outras expressões corresponderia apenas a um disfarce, uma forma de camuflagem; para 17% dos sujeitos, seria uma mera hipocrisia a utilização de outros termos; entretanto, 15% defendiam o uso da expressão “velho” por ser o termo mais adequado.

Em relação aos indiferentes, quanto à necessidade de mudança do vocábulo, 57% colocaram que a mudança só seria uma troca de sinônimos e 33% entendiam que o uso alternativo da expressão poderia simplesmente evitar repetições “monótonas”.

Outro fator importante na pesquisa foi o levantamento dos termos “velhos” e/ou “velhas” - muitas vezes utilizados pelos filhos para se referirem aos pais. Nesse levantamento, 51% perceberam que esses termos tratam-se apenas de formas carinhosas, sem uma conotação pejorativa. Nota-se, porém, uma resistência masculina em relação a esse fato, pois 39%, na faixa de 30 a 40 anos, 25%, na faixa de 40 a 50 anos e 18%, com 60 anos ou mais, compreendiam que essa expressão seria desrespeitosa ou grosseira.

Para Netto e Silva (1994), esse resultado parece reforçar a hipótese de que, para o homem, seria mais difícil aceitar a possibilidade de “ser velho”, ao passo que, para a mulher, o “parecer velha” é que provocaria rejeição. Uma explicação possível, segundo os autores, seria que, enquanto na velhice a mulher não modifica muito seus papéis sociais - na família e na sociedade - isto é, continua sendo mãe, mesmo quando passa a ser avó, ela se liberta de forma significativa das obrigações domésticas e ganha mais liberdade; o homem, especialmente o inativo, perde a sua identidade, juntamente com seu status de provedor e chefe de família.

Tais resultados podem ser reforçados pelo fato de haver sido constatado que, em uma população predominantemente feminina, 40% entenderam que a velhice significa tranquilidade ou serenidade, 25% a classificaram como uma fase da vida voltada para novas realizações. Assim, partiram das mulheres as posições mais otimistas.

Outro dado importante, em relação à diferença entre os sexos, é que 60% da amostra consideraram o período da velhice como uma coisa normal na vida do ser humano, sendo o menor índice encontrado para essa resposta na população masculina com 60 anos ou mais.

O interessante, ainda para comentar sobre os resultados dessa pesquisa, é que 60% dos pesquisados não atribuíram o início da velhice à idade ou a uma época pré-determinada, e sim em função da “cabeça”, isto é, à questão psicológica e à disposição das pessoas. Ao mesmo tempo, 66% acreditavam que a velhice é uma coisa normal da vida, enquanto apenas 8% a qualificaram como a pior época da vida ou o fim da vida.

Entre as conclusões referentes ao estudo, o levantamento demonstrou que a maioria dos entrevistados entendeu que a velhice corresponde a uma fase da vida que deve ser utilizada para a realização de tudo que não se fez enquanto novo.

Também se observou que, de forma quase unânime, os respondentes relataram que as pessoas idosas devem continuar ativas e participantes em várias atividades sociais e pessoais,

de forma moderada e, para isso ocorrer, é necessário preparar-se desde jovem, na medida em que a velhice não se inicia numa idade certa. Os respondentes apresentaram também alguns tipos de medo, principalmente, no que tange à questão da saúde física, mental e econômica. Estes receios estão ligados à dependência, ou seja, a ter que depender de outras pessoas para sobreviver.

Em termos de percentagem, a questão fica assim: 50% apontaram a independência física e mental como um fator importante para a Terceira Idade; 17% deram importância à questão financeira e 10% englobaram os dois fatores como sendo muito sérios para as pessoas idosas. Após as várias discussões realizadas neste item, pode-se perceber que o envelhecimento não se limita necessariamente ao fator cronológico, e sim ao conceito mais amplo que possui fatores multideterminantes, incluindo um contexto bio-psico-sócio-político-cultural, em que o indivíduo está inserido. Uma das percepções, durante o levantamento da pesquisa, foi identificar que as questões psicológicas e comportamentais são fatores importantes para classificar a questão do processo do envelhecimento.

A percepção do envelhecimento como um processo multideterminante faz parte de vários conceitos encontrados entre profissionais que estudam esse grupo de pessoas, que serão abordados no próximo item.

Envelhecimento: um processo de vida ou uma questão cronológica?

Haddad (1986) concentrou em seu livro, as idéias de alguns profissionais que tentam enquadrar de forma conceitual o aspecto do envelhecimento, entre eles estão os autores Mahler, Hermanova e Fustinoni, com trabalhos desenvolvidos em 1982, além Angulo e Ávila.

Para Mahler, o processo do envelhecimento não se limita só à aparência física, mas a um estado de ânimo. Esse ânimo refere-se ao aspecto emocional e social. Sendo assim, a velhice representa um período de vulnerabilidade. Essa questão de vulnerabilidade também é comentada por Vargas (1983), quando tenta conceituar a velhice:

“É a velhice uma etapa do desenvolvimento individual, cuja característica principal é da acentuada perda de adaptação com a diminuição da vitalidade e aumento da vulnerabilidade de todas as funções do indivíduo.” (p. 17)

Essa vulnerabilidade também corresponde a um possível desequilíbrio tanto emocional, quanto dos papéis sociais, no qual o idoso enfrenta perdas de amigos e familiares, além de posições sociais. Frequentemente, a falta de atenção política e afetiva faz com que ele enfrente uma barreira muito grande para manter-se em constante equilíbrio.

Hermanova chama de velhos aqueles que, depois de terem passado pelos períodos de crescimento e maturidade, entram na fase que os franceses chamam de “troisième âge” ou “Terceira Idade”. Para ela, envelhecer é uma fase normal da vida do ser humano, sendo considerada como um processo individual com grandes variações, sendo os idosos um grupo bastante heterogêneo, como os grupos das demais faixas etárias. Não podem, portanto, ser definidos apenas pelo aspecto cronológico.

Como se verifica, há certa dificuldade em conceituar o grupo de idosos pelas peculiaridades existentes em cada grupo social e por características individuais a nível biológico, psicológico, social e político. Porém, as sociedades tentam centralizá-lo numa determinada faixa etária.

Para mais esclarecimentos, deve-se observar que no dia 04 de janeiro de 1994 foi sancionada a Lei nº 8.842, que dispõe sobre a política nacional do idoso e cria o Conselho Nacional do Idoso, entre outras providências. Essa lei possui, no capítulo 1, artigo 2, a seguinte citação: “considera-se idoso, para os efeitos desta lei, a pessoa maior de 60 anos de idade”. (pág. 1)

Já a Organização Mundial de Saúde (OMS) classifica o envelhecimento em quatro estágios: meia-idade (45 - 59 anos); idoso (60 - 74 anos); ancião (75 - 90 anos) e velhice extrema (90 anos em diante).

Pode-se perceber que os estudos atuais centralizam a idade de 60 anos em diante como uma forma cronológica para caracterizar a fase do idoso. Veras (1994) comenta que o uso de 60 anos é sistematicamente empregado em países de terceiro mundo para definir os idosos; mas ainda subdivide uma faixa etária em três subfaixas: de 60 a 69 anos, correspondente a “jovens idosos”, de 70 a 79 anos, faixa de “meio idoso” e acima de 80 anos correspondente aos “idosos velhos”.

Ainda, segundo o autor, os franceses, atualmente, usam o termo quarta idade para a faixa etária acima de 80 anos. Existem, porém, muitas comunidades ou culturas que não classificam a velhice por idade.

Segundo Guedes (1994), um grupo indígena brasileiro - os Suyá, que vivem no Parque Nacional do Xingu, e que foi pesquisado por Anthony Suger, em 1980 - classifica em sete classes de idade a sua comunidade: 1ª, do nascimento até andar; 2ª, do andar até os primeiros sinais de puberdade; 3ª, do começo da puberdade até entrar na casa dos homens; 4ª, da entrada na casa dos homens até o nascimento do primeiro filho; 5ª, de um filho a muitos filhos; 6ª, de muitos filhos a muitos netos; 7ª, de muitos netos até morrer.

A última classe de idade, na qual os velhos são chamados de Mikényi, inicia-se através de um rito de passagem e implica num comportamento absolutamente notável dos velhos Suyá, como cita a autora:

“Para resumir, os Mikényi são velhos que, de várias maneiras, são intermediários entre o ideal Suyá de homem adulto, o mundo menos social dos mortos e o reino animal. São pessoas marginais de quem se espera que façam coisas hilariantes e que não são censuradas por fazerem coisas que, tratando-se de outro Suyá, seriam altamente criticadas. Têm papéis importantes e claramente distintos na vida pública e cerimonial da aldeia. Recebem sua comida nessas cerimônias e podem, a qualquer momento, comer a comida que o resto do Suyá não come. O ‘Mikényi’ não abandona o sistema: nele desempenha um papel importante”. (p. 9)

Em nossa civilização, no entanto, o critério cronológico, e não o comportamental é que prevalece. Segundo Simões (1994), a trajetória de vida do indivíduo inicia-se com a vida extra-uterina, seguindo-se com a infância, adolescência, casamento, procriação, criação dos filhos, aposentadoria, velhice e morte, proporcionando à vida conotações diversificadas e dinâmicas.

Dos autores discutidos por Haddad (1986), trazemos conceitos de envelhecimento diferenciados de Fustinoni, Angulo e Ávila.

Fustinoni, membro titular da Academia Nacional de Medicina na Argentina, existem três estágios desde o nascimento até a morte: juventude, fase adulta - maturidade e a última, que é a época da regressão ou velhice. Comenta também que o gerontologista francês Hust propõe que este último estágio tenha a designação de “Terceira Idade”, a qual, como já foi salientada, ganhou logo a aceitação geral. Na sua cronologia, o início da velhice seria aos 60 anos.

Outros autores, como Angulo, não consideram a velhice associada ao nível cronológico, mas ela deve ser vista de forma mais ampla, isto é, o envelhecimento ocorre desde a fecundação, pois no organismo do ser humano muitas células envelhecem, morrem e não são substituídas antes dele nascer. Por esse motivo, o autor comenta ser muito difícil estabelecer o início do envelhecimento, não só por ser variável de indivíduo para indivíduo, mas também porque muitos sinais são quase imperceptíveis.

Ávila, da Associação Médica Brasileira e da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, também discorda da definição cronológica para a velhice, por achar que é arbitrária e simplificada, e coloca que: “o velho sadio não é psicologicamente velho, (...) o que caracteriza a velhice não é a quantidade de anos vividos.” (ibid: 119)

Para o autor, não são só esses dados, nem o estado das artérias, nem a anormalidade endócrina, o que caracteriza essa fase, mas a perda das idéias da juventude, a de sintonização com a mentalidade do seu tempo, o humor irritadiço, a desconfiança no futuro e o desamor ao

trabalho. Nesta citação, observa-se que novamente a questão orgânica não é levada em conta e sim um aspecto social e participativo, no qual se deve abrir campo para o idoso.

Aspectos biológicos do envelhecimento

Seguindo a perspectiva mais biológica, verificam-se na velhice alguns problemas relacionados a diversos distúrbios fisiológicos dos sistemas do indivíduo: pele, coração, artérias, rins, sistema nervoso central, sistema nervoso periférico, sistema digestivo, aparelho circulatório, sistema muscular, entre outros. Porém, mesmo que essas doenças e outras sejam, muitas vezes, associadas à época da velhice, observa-se que a velhice não é uma doença e sim uma evolução normal. Com o passar dos anos, processam-se no organismo mutações naturais que constituem a velhice. No entanto, muitas das manifestações e enfermidades, supostamente da velhice, já faziam parte da pessoa antes de atingir essa fase da vida e apenas manifestaram-se com maior ou menor intensidade.

Lopes (1961) classifica tais alterações como histofisiológicas, anatômicas, fisiológicas e psíquicas. As alterações histofisiológicas revelam, principalmente, modificações na vida celular. Há uma lentidão na reparação dos elementos próprios de cada órgão. Com essa mudança, a função própria do tecido torna-se cada vez menos eficiente.

Dentro dessa visão biológica da velhice, temos Brouwley, que comenta que, do ponto de vista celular, o menor uso do oxigênio ocasiona uma diminuição no ritmo respiratório e, portanto, um decréscimo no metabolismo basal. Dentre as alterações anatômicas, a que se manifesta em primeiro lugar é a pele, que enruga e resseca, perdendo o frescor e o brilho. Ocorre, também, o embranquecimento e queda dos cabelos, enfraquecimento do tônus muscular, com as articulações tornando-se enrijecidas e reduzindo, assim, a extensão dos movimentos. Nas alterações fisiológicas, observa-se a lentidão do pulso, aparecendo também modificações na sexualidade.

Segundo Vargas (1983) existe na verdade, com a idade avançada, uma perda linear da capacidade do ser humano em realizar determinadas funções. Sinaliza quatro tópicos que caracterizam os fatores marcantes no processo do envelhecimento biológico:

“a) diminuição progressiva e irreversível da energia livre disponível no organismo; b) perdas celulares; c) enfermidades degenerativas próprias da velhice, com consequência geral; e d) diminuição gradual da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente”. (p. 21)

Salienta, porém, que, mesmo que o processo do envelhecimento esteja ligado diretamente a fatores hereditários, o seu aparecimento irá ter influências de fatores exógenos e extragenéticos de ordem bio-psico-social.

Simone de Beauvoir (1990) reconhece que o organismo sofre inevitavelmente essas alterações e que, após esses fatos, ocorre a diminuição das várias atividades do ser humano. Com mais frequência, aparecem perdas de algumas das faculdades mentais, ocasionando uma alteração em sua atitude com relação ao mundo. Reconhece, entretanto, que o início, o grau e o ritmo da decadência senil estão condicionados à classe social a que o indivíduo pertence. Desse modo, a velhice será tão mais problemática quanto mais baixa for a sua classe social. Assim, considera não haver solução para a velhice, na medida em que nada pode reparar a sistemática e injusta distribuição de renda que vitima a maioria dos seres humanos durante toda a sua existência.

A necessidade da multidisciplinaridade no estudo do envelhecimento

Verifica - se que os vários conceitos, entre muitos existentes na literatura não só brasileira como internacional, questiona e analisa a questão do “velho”, da “velhice” e do “envelhecimento”, englobando aspectos que abrangem diversas áreas da ciência.

Sendo o envelhecimento multideterminado, somente uma abordagem multidisciplinar poderia dar conta de todos os seus aspectos. Ser velho ou estar na Terceira Idade possui também efeitos diversos, como acentua Beauvoir, citada por Vargas (1983): “Todo o processo do ciclo

da vida tem uma dimensão existencial, como todas as situações humanas: modifica a relação do homem com o tempo, seu relacionamento com o mundo e com sua própria história”. (p. 20) A mesma idéia está contida em Vargas (1983), pois para o autor: “O envelhecimento, assim, só poderá ser compreendido em sua totalidade: ele não representa somente a ação do efeito biológico ou psicológico, é também um efeito sócio-cultural.” (Ibid)

Não se pode esquecer que, em cada época da existência humana e da cultura de cada povo existem variáveis que conceituam o velho de forma positiva ou negativa, utilizando diferentes estereótipos, de acordo com a política vigente. Acredita-se que um dos estereótipos mais fortes, em várias culturas, é a questão da perda da força física, mas não só essa limitação é acentuada, como também as perdas intelectuais do idoso, tão valorizadas pela sociedade.

Mesmo existindo diferenças em determinados segmentos da sociedade, no que se refere ao velho, o mesmo possui discriminações que são necessárias abordar ou, pelo menos, citar. A força física e a inteligência não se limitam a músculos ou ao intelecto do ser humano. As perdas referentes a essas questões são tão abrangentes que, de certa forma, deveriam ser avaliadas pela sociedade com maior delicadeza, já que como diz Bruns e Abreu (1994):

“Independente da cultura, classe social, religião ou tendências políticas, o envelhecimento é experienciado por toda a espécie humana, em todos os tempos, o que nos leva a incluí-lo na categoria dos fenômenos coletivos: o nascer, o morrer, o enamoramento, a amizade e a sexualidade.” (p. 188)

Muitos estereótipos são atribuídos aos idosos, como por exemplo: rabugentos, maníacos, críticos, desgastados, preocupados com a morte, que parecem persistir, mesmo em face de provas de que tais crenças não são verdadeiras. Segundo Telford e Sawrey (1978), essas crenças são derivadas de vários trabalhos referentes aos idosos institucionalizados.

De acordo com os autores, quando são feitos trabalhos com idosos não institucionalizados, são poucas as provas que justificariam tais estereótipos. A diferença entre idosos poderá ter como causas principais fatores como ambiente familiar, ligações afetivas e as possíveis perdas que podem decorrer na vida do ser humano, principalmente numa idade avançada.

Segundo Telford e Sawrey (1978), para Kogan e Shelton os jovens dizem acreditar que um dos fatores de medo dos idosos é a morte ou a agonia, ao passo que os velhos indicam que um dos seus maiores receios é a falta de dinheiro e a insegurança financeira. Nesse caso, pode-se observar que os idosos estão mais preocupados com as condições de vida do que com a morte, ao contrário da crença dos jovens acerca da velhice. Essas preocupações estão voltadas a questões financeiras e ao poder e, já que de certa forma as sociedades capitalistas valorizam essas questões, os idosos não estão tão longe das lutas por uma melhor qualidade de vida.

Envelhecimento, produção e poder econômico

A instituição familiar cria os indivíduos para conquistar e nessas conquistas incluem-se vários fatores: crescimento corporal, intelectual, posições sociais, cargos importantes, uma situação financeira estável, ligações afetivas, entre outras.

A importância do “poder econômico” na formação do indivíduo prejudica, muitas vezes, a observação da importância na construção de relações afetivas verdadeiras entre as pessoas. Dessa forma, quando o ser humano ultrapassa esse período do físico “adequado”, da beleza “aceitável”, do intelecto “perfeito” e do financeiro “equilibrado”, esses jovens desprezam o idoso, já que o que importa numa sociedade de conquistas é a adequação física e intelectual. A sabedoria e o conhecimento adquirido no trajeto da vida são desprezados e não levados em conta. Dessa forma, questiona-se o mecanismo dessas sociedades e os termos que utilizam.

A princípio, o mecanismo utilizado é o de conseguir de um indivíduo toda a sua força de trabalho físico e intelectual para se chegar a uma produção considerada apropriada para um país capitalista: o dinheiro.

Utilizam-se termos para caracterizar essa ação, entre eles estão: “sugar o seu potencial” e “usar sua sabedoria ou conhecimento”, nunca observando que, além de sugar ou usar, existem os termos adquirir, acrescentar, possuir, entre outros. Neste sentido, o idoso estaria ligado à segunda visão destes termos, enquanto para o jovem ainda estaria presente o processo de desgaste.

Infelizmente, acredita-se e dá-se valor ao “sugar” ou “usar” e assim joga-se “fora” o indivíduo que adquiriu, acrescentou, observou e assim possui o aprendizado de todos os mecanismos que podem ser utilizados para a conquista de uma posição sócio-econômica equilibrada. Uma das explicações mais fortes, para uma ação dessa forma, é que o mais velho já está ultrapassado, pois não evoluiu como ou com a tecnologia nas grandes sociedades.

Segundo Salgado (1994:4), houve até um filósofo - Marinette, que fez citações que acabaram inspirando fascistas e nazistas:

“É preciso acabar com tudo que é antigo, é preciso transformar o mundo em algo novo, é preciso destruir bibliotecas, museus, toda a forma de cultura, transformar o mundo numa tábua rasa dominada e regida somente por jovens e constituída segundo a própria modernidade”.

Com uma visão fortemente preconceituosa da sociedade, pode-se observar que os velhos, quase sempre, tiveram suas posições marginalizadas e carregadas de preconceitos, prejudicando a continuidade do processo produtivo do ser humano.

O trabalho faz parte do indivíduo. A necessidade de produzir algo constrói a história do homem na sociedade em que vive e, por muitas vezes, ultrapassa fronteiras de seu universo. Em alguns países, no entanto, a produção está ligada a rapidez e não a experiência do indivíduo. Neste caso, o idoso acaba sendo prejudicado em suas possíveis produções. Este aspecto foi salientado por Bosi (1994:77), quando comenta que: “A sociedade industrial é maléfica para a velhice.” A autora ainda menciona que, numa estrutura de sociedade mais estável, uma pessoa de 80 anos pode manter-se ativa, realizando obras, plantando uma horta, fazendo cercas, etc., e seu filho irá continuar o seu trabalho.

O trabalho realizado por indivíduos que ultrapassam a faixa etária tida como a ideal para uma produção adequada, por vezes, é desvalorizada e faz com que a continuidade do trabalho seja interrompida. Essa questão é salientada por Bosi (1994), quando diz que: “Destruirão amanhã o que construímos hoje.” e completa citando um trecho de Simone de Beauvoir:

“As árvores que o velho planta serão abatidas. Quase em toda parte a célula familiar explodiu. As pequenas empresas são absorvidas pelos monopólios ou se deslocam. O filho não recomeçará o pai e o pai sabe disso. Ele desaparecido, a verdade será abandonada, o estoque da loja vendido, o negócio liquidado. As coisas que ele realizou e que fizeram o sentido de sua vida são tão ameaçadas quanto ele mesmo.” (Ibid)

O abandono da construção, ou o próprio processo de destruição que é realizado pelos mais novos, quando assumem o chamado “poder”, faz com que uma imagem de improdutivo cristalice a formação do “eu” do idoso. Essa questão é confirmada através de outra citação da autora, quando alude à perda física do idoso: “Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor.” (Ibid)

Um fator importante que pode e deve ser levado em conta é a permanência do respeito ao velho que possui bens materiais. O pensamento é que enquanto se tem a posse de propriedades, quando o indivíduo pertence a uma classe dominante, ele, mesmo idoso, está menos sujeito à desvalorização social. A defesa através de bens não significa uma proteção completa sobre o velho, pois já que não existe produção, ele deverá ser atendido e controlado como um menor. Ainda segundo a autora: “Quando as pessoas absorvem tais idéias da classe dominante, agem como loucas porque delinham assim o seu próprio futuro.” (p. 20)

Parece que o ser humano não possui esta percepção de que o idoso de hoje foi o jovem de ontem e o jovem de hoje será o idoso do amanhã. Acredita-se que, se o homem refletisse sobre isso, talvez tentasse transformar a época da velhice num período mais saudável e produtivo, já que ele ocupará o lugar de um velho, amanhã.

Salgado (1994:3) salienta essa questão, dando um exemplo de uma tribo que vive no sul do Chile e que demonstra um grande respeito pelos velhos de sua comunidade. Perguntado aos componentes dessa sociedade, a respeito da razão de tal atenção, carinho e respeito ao velho, obteve-se a seguinte resposta: “É porque amamos e respeitamos muito nossas crianças e quando elas envelhecerem, nós continuaremos atribuindo a elas o mesmo respeito e consideração”.

Descreve ainda, outro exemplo da vida do velho em uma comunidade de esquimós, que vivem na região polar. Nessa sociedade, quando o indivíduo percebe que está velho, encerra-se dentro de um iglu ou então vai caminhando pela região para ser devorado pelos ursos.

Existe uma explicação no que se refere ao último caso - ser devorado por um urso. Segundo Salgado “Se ao longo de todas as suas vidas mataram ursos para se alimentar com a carne deles, é natural que, na velhice, ofereçam ao urso a própria carne que, no futuro, tornará a alimentar seus filhos”. (ibid. 3)

Beauvoir (1994) realizou um trabalho histórico-social sobre a velhice, comprando-a em várias sociedades e em épocas diferentes, obra que se tornou um importante referencial teórico para estudos em relação ao ser humano de idade avançada. Dessa forma, poder-se-ia ficar analisando, ainda por um longo tempo, a visão das sociedades sobre os velhos e sua ocupação no meio em que vivem, mas esse não é o objetivo do presente trabalho.

Salgado ainda relata que nem todas as sociedades foram, ou são tão terríveis com a velhice, como pode ser lido ou visto através dos meios de comunicação, embora ache que não existam muitas diferenças entre as situações abomináveis que os velhos passavam na Antigüidade e o que se faz com os aposentados no Brasil. Segundo o autor: “É exatamente a mesma coisa, a diferença é que não se condena explicitamente à morte e ninguém vai executar essa sentença: mas são condenados indiretamente à morte pela precariedade da vida.” (ibid: 4)

Ainda sobre a intenção da produção, representado pela aposentadoria, escreveram Bruns e Abreu (1994: 187):

“Numa sociedade em que o mercado de trabalho não absorve nem os bem qualificados profissionalmente [...] Numa sociedade em que o salário mínimo não chega a cem dólares, fica difícil falar em aposentadoria, a não ser mesmo para uma minoria. Isso sem falarmos dos que nem salário mínimo recebem.”

Com a chegada das modificações, do declínio biológico ou com o simples aumento da idade, o indivíduo recebe um comando externo, designando que é hora de parar. Esse fato chama-se aposentadoria. Nesse momento, o ser humano não só pára de trabalhar, mas também ocorre que a sua personalidade, a princípio estruturada e formada, poderá sofrer com a quebra da rotina de seu dia-a-dia. Seu status social é modificado, seu papel de dominador na família é reestruturado, além de outros fatores que podem sofrer modificações nessa fase do ciclo de vida.

Esse possível desequilíbrio, surgido pelas perdas oriundas da paralisação do trabalho, é reforçado pela política existente no Brasil e, em grande parte, em todo o mundo. O despreparo, a falta de atenção e de respeito ao ser humano colaboram para a problemática do idoso.

Segundo Bosi (1994), na época de grande desemprego, os velhos são muito discriminados e obrigados a aceitar salários mais baixos e, além disso, realizam trabalhos pesados, prejudicando sua saúde. Isso tudo com a finalidade de aumentar a renda familiar.

Em alguns países, pelo menos, os trabalhos são mais direcionados e de acordo com as possibilidades de cada indivíduo, respeitando-se, portanto, os idosos. Um exemplo que poderia ser aceito e introduzido no Brasil, é o do Estado de Israel, onde se utiliza a mão-de-obra do idoso de acordo com sua capacidade física e mental. Os velhos, nesse país, realizam trabalhos mais leves. O idoso é contratado, por exemplo, para receber os tíquetes dos que vão viajar na rodoviária.

Outro exemplo é o do idoso que ajuda as crianças a atravessarem a rua nas portas das escolas. Simbolicamente, o caminho já percorrido por eles. Agora é ele quem ajuda essas crianças a ultrapassarem essa trajetória.

Desvalorização do homem, desvalorização do idoso

Em muitos casos, as modificações que ocorrem com os indivíduos podem prejudicar a passagem do conhecimento adquirido no decorrer da vida. Os preconceitos em relação ao idoso acabam por ser introjetados e assimilados por eles próprios. Um dos velhos da pesquisa de Bosi (1994:78), ao comentar sobre a questão do trabalho e a possibilidade da passagem do conhecimento, escreve: “A mão trêmula é incapaz de ensinar o aprendido.”

As transformações são significativas, mas não impossíveis de serem reestruturadas a ponto de desvalorizarem outros conteúdos que estão presentes nos indivíduos, como afirma Bosi: “Durante a velhice, deveríamos estar ainda engajados em causas que não transcendem que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse o remédio contra os danos do tempo.” (ibid:80)

Citando Beauvoir, pondera que: “Se o trabalhador aposentado se desespera com a falta de sentido de sua vida presente, é porque em todo tempo o sentido de sua vida lhe foi roubado.” (ibid). O único sentido de sua vida fora o trabalho e a impossibilidade de manter seu papel de produtor lhe tirava todo o sentido da existência.

O sentido da vida e sua valorização não poderão estar amarrados numa única época. Na verdade, em todo o ciclo de vida, o indivíduo necessita aprender que deve ter a necessidade de se expandir para vários níveis, tanto internos quanto externos, pois é através desses caminhos que talvez o homem possa chegar, em qualquer idade de sua existência, de forma mais plena, sem o sentimento de ter deixado ou perdido um pedaço de sua vida em algum lugar do passado, pois cada dia, na verdade, é um novo dia e é com essa forma de percepção que se constrói um mundo mais verdadeiro e humano.

Bosi ao perguntar: “como deveria ser uma sociedade para que na velhice o homem permaneça um homem?”, a resposta que achou mais forte foi a de Simone de Beauvoir, quando diz que: “Seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como homem.” (ibid:81)

É importante salientar que, além do indivíduo se preocupar em como será visto ou tratado, é necessário que a própria pessoa possa se sentir como ser humano, com suas características e valores intrínsecos.

A questão da valorização é importante em todos os períodos da vida, para que quando o indivíduo chegue à fase da aposentadoria não se acredite no que Magalhães (1989) chama de “mito da aposentadoria”, que estaria ligado à crença de que, ao final de 30 a 35 anos de trabalho, o indivíduo seria presenteado com muito tempo livre para usufruir as suas conquistas em relação aos bens físicos e financeiros, aproveitando a vida como nunca foi possível fazer. Porém, o que ocorre, na verdade, é uma perda do poder aquisitivo, uma diminuição da vida social pelas perdas financeiras, de amigos e familiares, o que faz com que o indivíduo se torne isolado, convivendo com a solidão e, assim, prejudicando sua saúde, suas expectativas e suas esperanças.

Assim como todo o ciclo de vida do ser humano é influenciado por fatores diversos (biológicos, psicológicos, sociais, etc.) também a velhice o será: alguns predominarão em relação a outros, mas sempre estarão presentes.

O idoso diante das modificações

A necessidade de afeto faz parte da estrutura de formação emocional de qualquer ser vivo e principalmente o ser humano que necessita de atenção e conforto durante a sua existência. Com as modificações que ocorrem, pode-se esperar que o problema emocional apareça, a ponto de atrapalhar também o andamento da trajetória de vida do ser humano. Normalmente, espera-se, por exemplo, que a depressão exista simplesmente pelo indivíduo estar numa faixa

etária avançada. Porém, segundo Mier (1988): todo ser humano é capaz de experimentar uma sintomatologia depressiva, para ele, a mais freqüente alteração da afetividade, em qualquer fase da vida.

Veras (1994), ao realizar uma pesquisa sobre a saúde do idoso no Brasil, que fez parte de sua tese de doutorado, constatou que a falta de atividades sociais e físicas provocava distúrbios orgânicos e psíquicos e dentre estes últimos, a depressão. A partir desse trabalho, realizou um projeto de assistência a essa população carente de atenção e dedicação - UnATI/UERJ.

A sociedade brasileira, para Novaes (1995), no entanto, começa a construir uma nova imagem do idoso e do envelhecimento, que se deve às influências da mídia, salientando que os idosos estão procurando conquistar o seu espaço social com maior dignidade e mais consciência dos seus direitos de cidadão com maior participação ativa no país.

A autora afirma que para alguns idosos a manifestação da dor, pelo mal-estar com a diminuição da capacidade física, representa um “ultraje” e uma humilhação. Podemos verificar que a analogia da morte com algo depreciativo aparece em Cícero, citado por Skinner e Vaughan, 1995, que conceitua a vida como: “Uma peça teatral com um último ato muito mal escrito.” (p. 128)

No entanto, existem idosos que possuem uma percepção mais otimista. Através de uma citação do francês Paul Claudel, Novaes (ibid) demonstra essa visão, quando diz: “Oitenta anos - sem olhos, sem ouvidos, sem dentes, sem pernas e sem fôlego. E no final das contas, é espantoso: como se pode passar bem sem eles.” (p.9)

Existem várias formas de perceber e conviver diante das modificações que ocorrem com o indivíduo. Porém, qual seria a postura do idoso diante dessas mudanças?

Ainda de acordo com a autora, através de pesquisas e estudos de campo em questão, existem formas peculiares pelas quais os idosos reagem ao envelhecimento, as quais a autora classifica em nove tipos ou 9R, que são:

1. Resgate dos valores e modos de viver que não puderam ser até então assumidos;
 2. Rupturas com situações e rotinas de vida que tiveram que ser suportadas, por força das circunstâncias e falta de alternativas;
 3. Retomada de planos, programas de vida e atividades que precisam ser completadas e desdobradas;
 4. Ressurgimento de dimensões pessoais como a mística, artística, elaborativa que ficaram abafadas por um cotidiano difícil e exigente;
 5. Restauração de desejos e necessidades que não puderam ser satisfeitos, devido a frustrações e obstáculos, tanto externos como internos, lembrando aqui que ‘o homem tem a idade de seus desejos’;
 6. Retorno de emoções e sentimentos, intensificando sensibilidade e afetividade, estabelecendo vínculos e relações interpessoais;
 7. Recaída constante em estados de depressão e de vazio, ligados à sensação de inutilidade, insegurança e fracasso;
 8. Recordação permanente de lembranças passadas, como a única maneira de manter-se vivo, sem tentar a ponte do significado entre o passado, presente e futuro;
 9. Reconstrução da identidade pessoal e social com base em novos interesses e motivações, descobrindo criativamente outras facetas do viver e moralidades de prazer. (p. 13)
- O importante na questão dos 9R é que as pessoas possam assumir, diante da vida, posições sem pessimismo ou culpas e que, muitas vezes, originam-se de fatores externos a elas.

A necessidade de uma reflexão sobre a questão do idoso é de suma importância para que este grupo possa viver e conviver na sociedade de forma livre, sem preconceitos. Com essa percepção, as questões sociais, culturais e políticas são grandes candidatas à necessidade de discussão das transformações necessárias para melhor trabalharmos essa população que vem crescendo em todo o mundo.

Referências

- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velho*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BRUNS, M; Abreu, A.S. "O envelhecimento: o dilema humano". *Rev. Gerontológica* 2(4): pp188-190, 1994.
- COMFORT, Alex. - *A boa idade*. Rio de Janeiro: Ed. Difel, 1979.
- GUEDES, Simone. "Uma visão antropológica das *categorias de idade*". In: *Caminhos do envelhecimento - Sociedade de Geriatria e Gerontologia do Rio de Janeiro*. Rio Janeiro: Ed. Revinter, pp. 7-10, 1994.
- LOPES, Emílio Mira y. *A arte de envelhecer*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1961.
- MAGALHÃES, O.U. - *A invenção social da velhice*. Rio de Janeiro: Ed. Papagaio, 1989.
- MIER, Miguel A.V. *La depresión en la tercera edad*. Rev. Hospital Psiquiátrico Havana, Cuba, 173-183p., 1988.
- NETTO, A.J. e SILVA, M.M.T. *Velho, velhice: a nova semântica manifestada por diferentes grupos sociais na cidade de São Paulo*. Revista Gerontologia 2(4): 183-187p., 1994.
- NOVAES, Maria Helena. *Conquistas possíveis e rupturas necessárias psicologia da terceira idade*. Rio de Janeiro: Ed. NAU, 1995.
- SALGADO, Marcelo Antonio. *Por uma pedagogia do adequado envelhecimento*. SESC DR. São Paulo, 1-9p., 1994.
- SAWYRE, James e TELFORD, Charles W. *O indivíduo excepcional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- SKINNER, B.F., VAUGHAN, H.E. *Viva bem a velhice: aprendendo a programar a sua vida*. São Paulo: Ed. Summus, 1985.
- SIMÕES, Regina. *Corporeidade e terceira idade: a marginalidade do corpo do idoso*. Rio de Janeiro: Ed. Unimed, 1994.
- VARGAS, Herber Soares. *Psicologia do envelhecimento*. São Paulo: Ed. Fundo Editorial Byk Prociénix, 1993.
- VERAS, Renato P. *País Jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1994.